

# EXPERIÊNCIA DE ATENDIMENTO DE PESSOAS COM HANSENÍASE NO CONTEXTO DA TERAPIA OCUPACIONAL

*Déborah Viana Colchiesqui<sup>1</sup>, Rosé Colom Toldrá<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Pontifícia Universidade Católica de Campinas/Programa de Aprimoramento Profissional/FUNDAP, Av. John Boyd Dunlop s/nº Campinas SP [colchiesqui@gmail.com](mailto:colchiesqui@gmail.com)

<sup>2</sup>Pontifícia Universidade Católica de Campinas/Faculdade de Terapia Ocupacional, Av. John Boyd Dunlop s/nº Campinas SP [rcolom@lexxa.com.br](mailto:rcolom@lexxa.com.br)

**Resumo** - Este trabalho apresenta a experiência realizada com grupo de portadores da Moléstia de Hansen Virchowiana (MHV) no Ambulatório de Terapia Ocupacional da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. O objetivo do grupo terapêutico é realizar orientações de prevenção de incapacidades funcionais relacionadas à doença, assim como fornecer recursos terapêuticos de suporte emocional e social. O grupo ocorre uma vez por semana com duração de uma hora por sessão. São realizadas abordagens corporais que favorecem a execução de atividades da vida diária e estimulam o auto-cuidado, bem como discussões sobre o estigma social e dificuldades emocionais provenientes da doença. Os resultados demonstram que o grupo possibilita entre outros fatores, a conscientização e criação de rotina de cuidados pessoais e minimização das angústias e dúvidas geradas pela doença. Assim, a intervenção realizada com o grupo mostra ser uma opção que favorece a reabilitação dos participantes e estimula a qualidade de vida dos mesmos.

**Palavras-chave:** hanseníase, prevenção de incapacidades, grupo terapêutico, exclusão social, terapia ocupacional

**Área do Conhecimento:** IV Ciências da Saúde

## Introdução

A origem da hanseníase é ainda obscura para os pesquisadores, mas parece ser uma das mais antigas manifestadas no homem. A melhoria das condições de vida e o avanço do conhecimento científico modificaram significativamente esse quadro e hoje, a hanseníase tem tratamento e cura. A moléstia é causada pelo *mycobacterium leprae* - bacilo de Hansen, o qual é transmitido por vias aéreas ou através do contato direto com as lesões cutâneas, porém estudos demonstram (MIRANDA, et al., 2005) que somente algumas pessoas desenvolvem a doença, a qual ataca normalmente a pele, os olhos e os nervos.

A doença apresenta sintomas e seqüelas físicas aparentes, como aparecimento de caroços ou edemas no rosto, orelhas, cotovelos e mãos, congestão nasal freqüente com sangue e presença de feridas, partes do corpo com hipoestesia ao calor, ao frio, à dor a ao tato, em especial nas regiões cobertas. As manchas manifestam em qualquer parte do corpo, podem ser pálidas, esbranquiçadas ou avermelhadas. O bacilo de Hansen pode atingir vários nervos, porém atinge mais freqüentemente os braços e as pernas. Com o avanço da doença, os nervos ficam danificados e podem impedir os movimentos dos membros, das mãos e marcha.

Dados os comprometimentos físicos e emocionais muitos sofrem estigmas frente à doença e às diferentes denominações dadas à mesma, como: lepra, morfêia, mal-de-Lázaro, mal-da-pele ou mal-do-sangue, reforçam o preconceito social. O estigma, segundo Goffman (1988), é uma relação entre atributo e estereótipo, que existem nos dias atuais. Através do grupo os pacientes aprendem a realizar atividades e abordagens corporais que auxiliam no tratamento e prevenção de seqüelas da doença. Os atendimentos em grupo são ricos em troca de experiências e fortalecimento do vínculo terapêutico.

Diante disto, foi criado um grupo para esta clientela no Ambulatório de Terapia Ocupacional da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), favorecendo a prevenção de incapacidades de acordo com as orientações elaboradas pelo Manual de Prevenção de Incapacidade (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1997). Durante as sessões são discutidos assuntos que afligem os portadores de MHV como: dúvidas em relação à transmissão e cura da doença, isolamento social e cuidados pessoais, além da principal problemática que é a dificuldade em realizar as atividades da vida diária (AVDs) devido às seqüelas musculares da doença.

## Materiais e Métodos

O grupo é composto por seis integrantes, na faixa etária de 35 a 50 anos, os quais já realizaram ou estão em tratamento médico específico para a doença no Hospital e Maternidade Celso Pierrô (HMCP), hospital escola da Universidade. O grupo é misto, sendo três homens e três mulheres, conduzido por uma terapeuta, com duração de uma hora, semanalmente. Trata-se de um grupo semi-aberto, no qual, segundo Foulkes e Anthony (1997) existe a possibilidade de que novos participantes iniciem no grupo, mesmo que este já tenha tido início, assim como participantes que receberam alta do serviço possam sair do grupo mesmo em qualquer momento. Alguns dos participantes já estavam integrados ao serviço de Terapia Ocupacional estando em acompanhamento terapêutico em outro grupo e os novos participantes ingressaram no grupo após a realização de triagem no próprio serviço. Na triagem são colhidas informações importantes a respeito da história pregressa da doença, histórico familiar, avaliação funcional e motora e quando necessários são realizados encaminhamentos para outros serviços.

A intervenção é realizada em sala ampla, arejada e bem iluminada, equipada com mesas, cadeiras e equipamentos de apoio ergonômico para pés e costas, além de outros recursos disponíveis como materiais específicos para reabilitação de membros superiores e mãos e também materiais para atividades expressivas e estruturadas.

O grupo estudado reiniciou suas atividades em março do presente ano. Este está sendo desenvolvido pela aprimoranda do serviço, durante o Programa de Aprimoramento Profissional em Terapia Ocupacional PUCCampinas/FUNDAP.

## Resultados

Durante as intervenções grupais são realizadas discussões, através das quais é possível observar que os participantes desenvolvem a capacidade de poder argumentar e discutir melhor sobre a doença e encará-la de forma menos estigmatizada. As questões são apontadas pelos participantes ou introduzidas pela terapeuta, de maneira a facilitar a participação e discussão sobre temáticas ou questões de interesse dos participantes. Os integrantes do grupo trazem experiências familiares e discussões relacionadas às dificuldades físicas, sociais e de trabalho.

O depoimento de um dos participantes demonstra o papel do grupo terapêutico:

O grupo me fortalece, quando não posso vir fico muito triste e sinto falta do atendimento. Aqui parece que consigo resolver

meus problemas e tiro dúvidas sobre a minha doença. (A.P.M. - integrante do grupo).

O grupo é uma forte estratégia terapêutica, pois consegue desenvolver a proposta de prevenção de incapacidades de uma forma mais dinâmica e produtiva com o uso das atividades expressivas em conjunto com as abordagens corporais e o desenvolvimento de orientações preventivas sobre os cuidados pessoais diários.

Devido às queixas e dificuldades ao realizar as AVDs pelas seqüelas da doença, é dada ênfase à realização de movimentos para mãos como movimentação passiva para flexão e extensão de punhos e dedos, movimentos de pinça, pronação e supinação de antebraço e desvio ulnar e radial, com a finalidade de melhorar a capacidade funcional e minimizar as seqüelas existentes. Também é realizada a estimulação sensitiva, através de uso de instrumentos texturizados e adaptações confeccionadas no próprio serviço, além das orientações de técnicas simples de prevenção de seqüelas como: limpeza adequada dos olhos, manutenção da região dos pés e mãos hidratados com óleos e hidratantes corporais para prevenir a formação de rachaduras e calos na pele.

Ainda, como parte do conteúdo do grupo são orientados a utilizar a coordenação visomotora devido à presença de regiões corporais com pouca ou nenhuma sensibilidade, evitando queimaduras e ferimentos com objetos perfurocortantes.

Observa-se que a conduta terapêutica utilizada permite que exista minimização das dificuldades apresentadas pelo grupo, como: redução de dores musculares e edemas em mãos, melhora na qualidade de hidratação da pele, redução de ferimentos cutâneos, diminuição de contraturas e melhor habilidade nos movimentos de pinça e preensão manual.

As atividades estruturadas desenvolvidas com materiais com diferentes materiais são recursos terapêuticos que também permitem a possibilidade de realizar as atividades em casa utilizando-se da mesma como uma forma de geração de renda, conforme relato abaixo:

Estou fazendo em casa os objetos que aprendi a fazer no grupo, e comecei a vender alguns... estou provando que sou capaz. (V.A.N. - integrante do grupo).

O grupo é conduzido de maneira que os participantes possam criar um espaço que possibilite a reflexão pessoal e conjunta a respeito não somente de suas condições de saúde, mas também sobre as situações familiares e sociais. Nota-se que a intervenção da Terapia Ocupacional com o grupo permite que os integrantes desenvolvam hábitos de auto-cuidado e maior

auto-estima proporcionando condições melhores de vida.

## Discussão

Em 2005, o Ministério da Saúde adotou os critérios da OPAS/OMS para o cálculo do indicador de prevalência da hanseníase. Com esta adequação a prevalência do Brasil alcançou 1,71 casos de hanseníase por 10.000 habitantes ao final de 2004. Segundo a taxa de prevalência de 2004 as regiões Sul e Sudeste já alcançaram a meta de eliminação. Apesar da importante redução do coeficiente de prevalência da hanseníase no Brasil, em 2004, algumas regiões demandam intensificação das ações para eliminação, justificadas por um padrão de alta endemicidade. Portanto, o Brasil deverá manter os esforços para o alcance da meta de eliminação de hanseníase em nível municipal até o ano 2010 (MINISTÉRIO DA SAÚDE – PORTAL DA SAÚDE, 2006).

Assim, há seis anos o Ambulatório de Terapia Ocupacional juntamente com os profissionais que atuam no Ambulatório de Dermatologia HMCP e a Vigilância Sanitária, tem colocado em prática a meta do Ministério da Saúde, por meio de uma assistência mais integral ao portador de hanseníase.

O grupo tem-se mostrado um recurso terapêutico eficaz para lidar com as inúmeras questões que afligem esta população. O grupo favorece o esclarecimento de dúvidas em relação à transmissão e cura da doença, compreensão do fenômeno de isolamento social e a importância dos cuidados pessoais ao realizar AVDs. Nos atendimentos as discussões, os movimentos corporais em conjunto às orientações e cuidados a serem realizados no cotidiano favorecem a prevenção de incapacidades, de acordo com as orientações do Manual de Prevenção de Incapacidade (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1997).

A proposta e as estratégias utilizadas nas intervenções grupais de Terapia Ocupacional mostram que os participantes do grupo conseguem resgatar uma identidade pessoal e social que se perderam ao longo do tempo de desenvolvimento da doença.

As tarefas terapêuticas são idealizadas para a restauração ou desenvolvimento da função, nas habilidades dos componentes e nas áreas de desempenho ocupacional. (SCHWARTZBERG, 2002).

O indivíduo inserido no grupo é visto como um ser complexo que demanda assistência também de outras especialidades médicas, sociais e psicológicas, para tanto, quando necessário, a pessoa é encaminhada aos setores mais adequados às suas necessidades. Observa-se

que os integrantes do grupo ao serem mais bem orientados a respeito da doença, tornam-se mais capacitados a difundir as verdades e reduzir o estigma.

Segundo Zimerman e Osório et al. (1997) a essência de todo e qualquer indivíduo consiste no fato de ele ser portador de um conjunto de sistemas internos, como os desejos, as identificações, os valores, as capacidades, os mecanismos defensivos e, sobretudo, as necessidades básicas, como a da dependência e a de ser reconhecido pelos outros, com os quais convive.

Todo indivíduo é um grupo (na medida em que, no seu mundo interno, um grupo de personagens introjetados, como os pais, irmãos, etc., convive e interage entre si), da mesma maneira como todo grupo pode comportar-se como uma individualidade. (ZIMERMAN, 1997)

Para tanto a realização de atividades de intervenção grupal atinge o objetivo terapêutico de fazer com que o indivíduo possa estabelecer relações de valorização pessoal e fortalecimento pessoal através do convívio com o próprio grupo.

## Conclusão

Os integrantes do grupo criam um vínculo entre si através das experiências compartilhadas tanto no que se refere ao tratamento médico, evolução da doença e sintomatologia, como também nas relações familiares, histórias de vida e convívio social. A formação deste vínculo torna o grupo uma pequena família, em que os integrantes se preocupam uns com os outros e tratam-se como semelhantes. No entanto, segundo Osório (1997) o grupo não é apenas uma somatória de individualidades, é importante lembrar que em um grupo terapêutico deve-se levar em conta a práxis das atividades de cada integrante e a dinâmica do grupo para poder compreender tanto os aspectos construtivos como os obstrutivos da atividade grupal. Com isto, observa-se que este grupo terapêutico não somente promove melhores condições de realização de atividades da vida prática, mas também oferece melhores condições de compreender e conviver com sua situação atual.

## Referências

- FOULKES, S.H e ANTHONY, E.J. **Psicoterapia de Grupo: a abordagem psicanalítica**. Rio de Janeiro. Biblioteca Universal popular: 1977
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro . LTC Editora: 1988.

- HANSENIASE: Alterações imunológicas. Disponível em: [http://www.saudetotal.com/artigos/diversos/hansen\\_iase.asp](http://www.saudetotal.com/artigos/diversos/hansen_iase.asp) . Acesso em: 09 jul.2006.
  
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Manual de Prevenção de Incapacidade**. Brasília: 1997.
  
- MINISTÉRIO DA SAÚDE - Portal da Saúde – Tópicos de Saúde. Disponível em: [http://portal.saude.gov.br/portal/svs/visualizar\\_texto.cfm?idtxt=21643](http://portal.saude.gov.br/portal/svs/visualizar_texto.cfm?idtxt=21643). Acesso em 11 jul. 2006.
  
- MIRANDA, R. N. et al. **Desenvolvimento de preparado antigênico Mitsuda-símile e sua avaliação em pacientes multibacilares Mitsuda-negativos**. Fundação Pró-Hansen. Curitiba: 2005. Disponível em: [http://www.anaisdedermatologia.org.br/artigo.php?artigo\\_id=51](http://www.anaisdedermatologia.org.br/artigo.php?artigo_id=51). Acesso em 09 jul. 2006.
  
- SCHWARTZBERG, S. L. Processo de Grupo. In: WILLARD & SPACKMANN. **Terapia Ocupacional**. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro: 2002.
  
- ZIMERMAN, D. e OSÓRIO, L. C.; et al. A família como grupo primordial. In: ZIMERMAN D. **Como trabalhamos com grupos**. Artes Médicas. Porto Alegre: 1997.
  
- ZIMERMAN, D. E.; OSÓRIO, L. C.; et al. Classificação geral dos grupos. In: ZIMERMAN D. et al. **Como trabalhamos com grupos**. Artes Médicas. Porto Alegre: 1997.